

## **Estudos afro-hispano-americanos: uma problemática**

**Profa. Dra. Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves**

**(Universidade Federal de Juiz de Fora)**

A figura do negro perpassa a literatura latino-americana, tanto na poesia quanto na prosa desde a época colonial. Sua imagem está presente nos relatos dos conquistadores, como é o caso do negro Estevanico (ou Estebanico), integrante das expedições relatadas nos *Naufrajos* de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca; na poesia do século XVII, nos *villancicos* de Sor Juana Inés de la Cruz, para citar alguns exemplos. De modo geral, o negro na literatura colonial aparece comparado ao indígena, demonstrando mais força e menos inteligência.

No século XIX, essa imagem é muito marcante nos romances antiescravistas cubanos, por exemplo. Tais romances não tinham como preocupação principal mostrar nenhum tipo de rebeldia, de resistência. Ao contrário, sugeriam que na realidade esse sujeito escravo não tinha desejo de liberdade, que aceitava passivamente seu destino. Percebemos uma representação estereotipada, representação esta que se quer dar. Submisso à estética branca-ocidental, esse negro deseja entrar nesse mundo e, para tal, aceita a condição inferior que lhe é atribuída, tenta parecer-se com seu senhor. É retratado como dócil, submisso, tranqüilo, resignado com a sua sorte. Como exemplo citamos *Sab*, da cubana Gertúdz Gómez de Avellaneda e *Cecilia Valdéz*, do também cubano Cirilo Villaverde.

Se na prosa a imagem do negro é representada de maneira distorcida, na poesia, entretanto, observa-se os primórdios de uma reversão de valores. O negro questiona sua posição na sociedade nas novas nações hispano-americanas, como é o caso dos afro-argentinos Casildo Thompson e Horacio Mendizábal.

A partir da segunda metade do século XIX, quando pensamentos racistas dominavam o ambiente, os negros eram “descobertos” por intelectuais africanistas europeus, que os estudavam. Mas foi a partir do século XX que os próprios latino-americanos se preocuparam em mostrar o negro como forjador da cultura latino-americana. Tal é o pensamento do cubano Fernando Ortiz e do brasileiro Artur Ramos, entre outros.

Durante o século XX, a “questão” afro-descendente ganha adeptos e seu estudo se difunde pela América Latina. Hoje, no século XXI, aceitamos que não se pode pensar culturalmente em nossos países sem considerar a herança africana.

Neste ponto, vale esclarecer o que entendemos por Afro-Latino-América. Não se pode tentar definir sem ter em mente os vários processos que envolvem a nossa história. Para o propósito deste trabalho, Afro-Latino-América se define por meio de processos históricos comuns: a diáspora forçada, a experiência da agricultura de plantação e a escravidão.

A diáspora deve ser considerada como “um processo que tem um impacto no modo de viver do povo e na sociedade em que vivem”<sup>1</sup> (KALRA *et al.*, 2005, p. 29). Sendo assim, a consciência da condição diaspórica questiona toda e qualquer forma de pertencimento, porque é “um produto de culturas e histórias em coalisão e diálogo”<sup>2</sup> (KALRA *et al.*, 2005, p. 30). Em constante coalisão e em constante diálogo, diríamos.

Por esse motivo, Stuart Hall considera a cultura da diáspora um espaço contraditório, um lugar de questionamentos estratégicos, de processos de negociação. À medida que esses processos se articulam, chegamos ao que o autor chama de “estética diaspórica” ou seja, “adaptações aos espaços híbridos, contraditórios” (2003, p. 346). O denominador comum, a experiência da escravidão e suas conseqüências se transformam no ponto de união das gentes da diáspora negra. Assim, se deve entender o discurso diaspórico como parte de uma “rede transnacional em movimento”, como observa James Clifford.

Hall também chama a atenção para o essencialismo, para um conceito fechado de diáspora que se apóia sobre uma concepção binária da diferença, ou seja, entre o EU e o OUTRO. A cultura diaspórica tem que ser vista como um espaço contraditório, um local de contestação estratégica, que nunca “pode ser simplificada ou explicada nos termos das simples oposições binárias” (HALL, 2003, p. 339).

É imprescindível, então, considerar de que maneira essas mesmas formas de expressão de cultura africana, que foram durante séculos consideradas pelas elites locais e nacionais como bárbaras e primitivas, configuraram de maneira crescente a base da cultura popular dos países do continente.

Não se trata de negar a mestiçagem ou afirmar, como o faz Antonio Risério, que “a palavra ou o conceito de mestiçagem — miscigenação entre pessoas de raças diferentes — caiu em desgraça” (RISÉRIO, 2007, p. 39), mas de entender a sociedade latino-americana como a define Cornejo Polar: “Sociedades internamente heterogêneas, multinacionales incluso dentro de los límites de cada país, señaladas todavía por un proceso de conquista y dominación colonial y neocolonial” (*apud* MIRANDA, 2005, p. 32).

Tal argumento só é válido se aceitamos que a voz afro-latino-americana se reelabora constantemente entre a resistência e a apropriação e admitimos que esses mecanismos respondem a um processo histórico de uma busca de expressão.

Para Franklin Miranda, as noções de resistência e apropriação resultam adequadas porque

*posibilita repensar el histórico cimarronaje de los esclavos afrodescendientes como una estrategia de conservación cultural que supera la plantación y la época colonial y que se re-produce, pese a las particularidades concretas, como um mecanismo constante en todos los ámbitos y momentos de la vida de este pueblo en América Latina* (MIRANDA, 2008, p. 2).

Assim, a criação e a re-criação dessa realidade identitária se explica a partir do contínuo choque de culturas (africana, indígena e ocidental) em um contexto neocolonial como é o nosso. Ao ser heterogênea, essa identidade se constrói a partir dos vários intercâmbios/ contatos, e sua re-elaboração constante provém de uma dinâmica de resistência e apropriação.

Dito isso, nos interessa agora pensar nos estudos afro-latino-americanos desde uma perspectiva latino-americana. O que fazer quando nossas pesquisas não circulam, não são conhecidas às vezes nem mesmo dentro de nossas instituições?

Os estudos afro-hispano-americanos, e dentro desse campo, a literatura afro-hispano-americana como área de pesquisa reconhecida ganha força nos Estados Unidos a partir da década de 80 na onda dos estudos culturais. Contando com o trabalho de intelectuais como Richard Jackson e Marvin Lewis, a literatura dita afro-hispano-americana passa a ser disciplina acadêmica em várias instituições universitárias daquele país, revistas de altíssima qualidade como *Afro-Hispanic Review* e *Callaloo* ajudam a divulgar pesquisas nesse campo. Mas é a partir dos anos 90, com uma nova geração de críticos formada pelos “mestres” que os estudos de literatura afro-latino-americana se expandem por todo o país (Estados Unidos), tomando novos rumos. Novas publicações surgem, organizam-se congressos para pensar o afro-latino-americano/ a questão afro-latino-americana. Em outras palavras, o meio acadêmico norte-americano trata de nos entender, de nos explicar, de dar conta de nossas questões, às vezes de maneira equívoca. Conhecido é um dos grupos de LASA, associação com base nos Estados Unidos que se dedica a pesquisar a raça/ etnia a partir de vários campos, tais como história, sociologia, antropologia etc. Não estamos de modo algum menosprezando o trabalho desses acadêmicos, apenas reafirmando a necessidade de criar uma rede de pesquisadores latino-americanos que se dediquem a esse campo de estudo.

Na América Latina, pesquisar a literatura afro-hispana era, há até bem pouco tempo, quase que tabu no mundo acadêmico. Nosso cenário intelectual se mostrou resistente a esses estudos, talvez por que os mesmos buscassem respostas em categorias que várias vezes não davam conta de toda a problemática que envolve nossas questões. Só a partir do final da década de 90, na onda dos estudos afro-brasileiros cresce o interesse pela “questão negra”, pelo estudo da literatura afro-hispano-americana.

Em um primeiro momento, utilizava-se a crítica norte-americana além de estudos desenvolvidos no Caribe de língua francesa, sobretudo, como ponto de partida. Tais empreendimentos, apesar de louváveis nem sempre correspondiam às nossas inquietações. No entanto, percebemos que no momento cresce a preocupação em encontrar respostas para as várias questões que envolvem o mundo afro-hispano-americano a partir de uma perspectiva hispânica.

Mas, voltando à nossa pergunta anterior, como saber o que vem sendo pesquisado no Peru, no Equador, no Chile, na Argentina ou no México? Nesse sentido, o simpósio *JALLA afrodescendiente*, organizado como parte das VIII Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana (JALLA, 2008), no mês de agosto passado, em Santiago do Chile, foi de extrema importância para os pesquisadores latino-americanos que buscam respostas para as várias questões que envolvem nossa afro-descendência. Entre os vários frutos gerados pelo simpósio, gostaria de destacar, em primeiro lugar, uma possível publicação pela conhecida *Casa de las Américas* com os trabalhos apresentados e, em segundo, o documento apresentado na reunião de encerramento do mesmo.

Esse documento propõe estratégias para que nossas pesquisas saiam do âmbito de nossas instituições, para que haja, em primeiro lugar, maior circulação de nossos trabalhos, em segundo, mais articulação entre os pesquisadores que se

dedicam a pensar o afro-cêntrico e, mais importante, para que pensemos nossas especificidades.

Nessa discussão, ponto importante a ser considerado é a necessidade de que haja um esforço para que nossas formas simbólicas afro-descendentes não sejam mero fetiche, objeto de consumo para turistas em busca do exótico ou de acadêmicos que tentam nos explicar a partir de padrões que não estão de acordo com a nossa realidade.

### **Referências**

ANDREWS, George Reid. *Afro-Latin America, 1800-2000*. New York: Oxford University Press, 2004. 378 p.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO/ BR, 2003. 434 p.

KALRA, Virinder S. *et al. Diaspora & hybridity*. London, Thousand Oaks, New Delhi: [s. n.], 2005. 158 p.

MIRANDA ROBLES, Franklin. *Hacia una narrativa afroecuatoriana. Cimarronaje cultural en América Latina*. Quito: ABYA YALA/ Casa de la Cultura Ecuatoriana Núcleo Esmeraldas, 2005. 198 p.

RISÉRIO, Antonio. *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: Editora 34, 2007. 440 p.

## Notas

---

<sup>1</sup> No original: “a process which has an impact on the way people live and upon the society in which they are living”.

<sup>2</sup> No original: “entirely a product of cultures and histories in collision and dialogue”.